

“DESEJOS VÃOS” DE FLORBELA ESPANCA: ANÁLISE SEMÂNTICA E ESTRUTURAL

Jhully Cristina Veiga do NASCIMENTO (G-UFPA)
Orientadora: Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo, o poema “Desejos vãos” da poetisa portuguesa Florbela Espanca. Por objetivo buscou-se fazer uma breve análise estrutural e semântica do mesmo. Como fundamentação teórica foram utilizados trabalhos como o de Moisés (2008), Abdala (2007), Soares (2005), dentre outros. Ao final do trabalho, evidenciou-se, entre outros aspectos, que o poema analisado possui as características marcantes do Modernismo português.

Palavras-chave: Florbela Espanca. Modernismo português. Poema. Análise semântica.

1 Introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo, o poema “Desejos vãos” da poetisa portuguesa Florbela Espanca. Por objetivo buscou-se fazer uma breve análise estrutural e semântica da obra. Além disso, será também apresentada breve contextualização histórica do período literário. Como fundamentação teórica, foram utilizados trabalhos como o de Moisés (2008), Abdala Junior (2007), Soares (2005), dentre outros.

O artigo está dividido em três partes. A primeira traz uma breve apresentação da escritora, suas obras e contextualização do período literário em Portugal, no que diz respeito ao período em que a escritora está situada, como informações acerca Orfismo Presencismo, fases do Modernismo português. A segunda parte traz uma breve análise estrutural e semântica do poema “Desejos vãos”. Em seguida, as considerações finais.

2 Das fases modernistas e um pouco de Florbela Espanca

De acordo com Abdala Junior (2007), o aparecimento do Modernismo em Portugal deveu-se a fatos relacionados à Primeira Guerra Mundial. Com o fim desta, ainda de acordo com o autor, linhas de corrente filosófica buscaram, através de publicação de revistas, dar início ao que se chamaria de Modernismo português.

Em relação ao Modernismo português, a primeira fase deste se deu com a revista *Orpheu*¹ (1915) cujo principal representante da mesma foi Fernando Pessoa.

¹ Revista fundada por um grupo de rapazes. A revista tinha como objetivo ser o veículo através do qual eles poderiam transmitir seus ideais. Fizeram parte deste grupo Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada-Negreiros. (MOISÉS, 2008).

Posteriormente, teve-se a segunda fase modernista com a revista *Presença*² (1927).

Em relação a estas revistas, segundo Abdala Junior (2007), foi durante o período da Jovem República³ (1910-1926) que o orfismo, com o intuito apenas de escandalizar e derrubar a estereotipada tradição portuguesa, se desenvolveu brevemente. De acordo com ele, o presencismo, sucessor da outra, manteve e deu continuação às ideias de derrubar o “convencionalismo” português. Entretanto, para Moisés (2008), aos seus integrantes interessava (sobretudo para José Régio⁴), além disso, a defesa de uma “literatura viva”, mais espontânea e de caráter pessoal.

No mais, sua existência deu-se segundo Abdala Junior (2007), durante o período da ditadura militar⁵, com a qual também sucedeu o declínio do Modernismo, encerrando posteriormente, o segundo período do Modernismo.

O aparecimento de muitos autores nesse período obteve, posteriormente, contribuições importantíssimas para a literatura portuguesa. Escritores, como por exemplo, os fundadores das duas revistas, *Orpheu* e *Presença*, adquiriram prestígio não só na época em que participaram do movimento, mas também depois de suas mortes até hoje. A maioria desses escritores eram homens, no entanto, algumas poucas mulheres tiveram seus trabalhos reconhecidos, mesmo que depois de suas mortes, como ocorreu com a escritora Florbela Espanca.

Flrbela Espanca, nascida em 1894, foi autora de cinco livros, sendo eles, *Juvenília* (1931), *Livro de Mágooas* (1919), *Livro da Sóror Saudade* (1923), *Reliquiae* (1931) e *Charneca em Flor*, como afirma Moisés (2008) em biografia da poetisa. Ainda de acordo com ele, os poemas de Espanca não alcançaram todo o público logo de início, o reconhecimento chegou algum tempo depois de sua morte em 1930. Esse não reconhecimento da obra poética dela naquele momento poderia se explicar pelo fato de que, nesse período, a literatura portuguesa estava passando pela transição da emergência das duas revistas (*Orpheu* e *Presença*) que compuseram todo o cenário moderno. Neste contexto, para Abdala (2007), com essa transição em andamento, o golpe e posteriormente com a ditadura militar em exercício, não era de se esperar que todos os escritores fossem, de imediato, identificados.

² Liderada por José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca e fundada em Coimbra, cujo primeiro número sai em 1927 e o último em 1938 na primeira fase. Houve ainda uma segunda (devido a II Guerra Mundial), liderada por Alberto de Serpa, encerrando definitivamente os trabalhos em 1940. (MOISÉS, 2008).

³ Primeira República Portuguesa (1910-26) foi o regime parlamentar mais instável da Europa ocidental. Objetivava estabelecer uma democracia parlamentar. (WHELLER, 1978).

⁴ Um dos fundadores da revista, reconhecido como maior figura desta, cuja obra continha a melhor perspectiva e significação acerca do anseio do movimento. (ADERALDO, 1988)

⁵ Golpe de Estado em 1926 que, ao derrubar a república parlamentar, objetivou através de medidas autoritárias, reagir contra a “corrupção” do país. (ABDALA JUNIOR, 2007)

Contudo, há que se considerar, por outro lado, que esse não reconhecimento naquele momento pode estar diretamente relacionado ao fato de que Florbela é mulher. Ou seja, pelo fato de ser do gênero feminino, o território literário português, marcadamente masculino a excluiu (O que não seria de estranhar, nem seria algo novo. Afinal qual nome de escritora entrou para o cânone da literatura portuguesa antes de Florbela? Será que antes dela Portugal não teve nenhuma mulher escritora?). Em relação a essa situação, Soares 2008 afirma que:

na década de 20, a mulher que ousasse abordar o erotismo no seu discurso seria considerada imoral, “porque as mulheres não deviam falar nesse tom”. Florbela ousou erotizar seu discurso literário, por isso não é de se estranhar as críticas que recebeu e a crucificação a que foi submetida em sua época. Hoje, não são raros os críticos que a consideram uma heroína, uma precursora, um mito, a mesma Florbela considerada por seus contemporâneos como devassa, e todos os termos pejorativos e degradantes possíveis e imagináveis de uma sociedade que se considerava paladina da moral. (SOARES, p.51, 2008)

Reforçando a dificuldade que uma mulher encontrava para conseguir divulgar não só textos em geral, mas também textos que abordassem temas considerados tabus para a época. Além de que a sociedade rigorosamente crítica e marcada na literatura, em sua maioria por homens, recebesse a escritora com críticas machistas. O que não é o foco pretendido neste momento, contudo, é um aspecto que não poderia passar sem uma nota, caso contrário, também estaríamos sendo coniventes e reforçando pensamentos machistas e injustos.

Ainda no que se refere à obra de Florbela Espanca, por outro lado, ela custou a ser reconhecida pela revista *Presença*, sobretudo porque, como afirmou José Régio “os primeiros presencistas **ignoravam** Florbela. A divulgação de sua obra deu-se depois” (1980, p.170 – grifos nossos).

Ainda pra Régio, a poesia de Florbela são os melhores exemplos de poesia “viva”, “toda ela nasce, vibra, se alimenta do muito real caso humano da autora; do seu porventura demasiado real caso humano” (1980, p.170). Sendo assim, para Régio, tendo a *Presença* por proposta abandonar a ideia de “Literatura Livresca” a fim de uma “Literatura viva”, nada mais condizente e como melhor exemplo de perfeição os textos da poetisa. Entretanto, naquele momento, enquanto a autora estava viva, os presencistas não entenderam assim a obra da autora.

No que diz respeito ao termo “literatura viva”, vale trazer à tona que, nas palavras de José Régio, a literatura viva:

é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e por isso mesmo passa a viver de vida própria. Sendo esse artista um homem superior pela sua sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a **literatura viva que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço.** (1980, p.171 - grifos nossos)

Ainda para Régio, no que diz respeito aos textos de Florbela, sua poesia é “tanto quanto directa”, pois ela viveu o próprio conteúdo de seus versos, a “depressão”, a “exaltação”. Tanto que,

segundo ele, atingiram grande expressão na poesia, o que fora essencial para que causassem tamanho impacto além de ser o motivo de diferenciação.

Da originalidade, força, comunicabilidade e fundura que deu ela a tantas das suas expansões e confissões – originalidade, força, comunicabilidade, só fundura, que exteriormente poderão ser imitadas – vem ao leitor a íntima convicção de haver ela vivido o que diz, sentido o que exprime. Convencido do que, já o leitor parte de tal certeza – a existência dum real caso humano – para explicar e até interpretar a expressão literária que lhe é dada. (RÉGIO, p.173, 1980)

Não havendo, para Régio e demais presencistas, conhecimento sobre a vida da poetisa, muito se indagou a respeito de ela ter ou não vivido o que escrevia, o que também pouco parece lhes ter interessado, contudo antes, considerava que a estranheza deste fenômeno estaria pois em que, precisamente, as vivências dum artista são induzidas da convincente expressão artística que o próprio lhe atribui (RÉGIO, 1980).

Régio (1980) atribuiu, ainda à poesia de Florbela, algumas características, como, por exemplo, a imensoalidade ou dispersão, a necessidade de coexistência de muitas em uma só pessoa, a sensação de não poder reduzir-se a um só ser. Sendo estas algumas evidências que dão convencimento da máxima relação do caso humano com a obra dela.

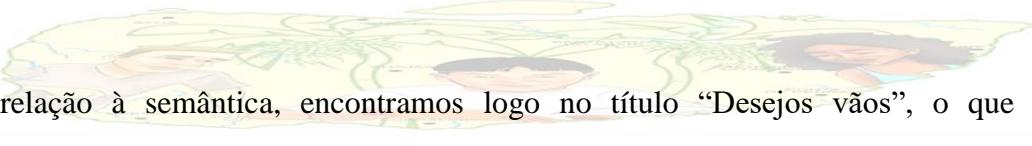
Para a análise, buscaremos fazer uma leitura semântica, além de uma breve análise estrutural no poema “Desejos vãos”, presente na obra intitulada *Livro de Mágicas* (1919), escrito no período do Modernismo português (1915-1940).

Com relação às rimas, observa-se no poema, transcrito abaixo, a seguinte sequência:

Desejos vãos

Eu queria ser o Mar de altivo porte	A
Que ri e canta, a vastidão imensa!	B
Eu queria ser a Pedra que não pensa,	B
A pedra do caminho, rude e forte!	A
Eu queria ser o Sol, a luz imensa,	B
O bem do que é humilde e não tem sorte!	A
Eu queria ser a árvore tosca e densa	B
Que ri do mundo vâo e até a morte!	A
Mas o Mar também chora de tristeza...	C
As árvores também, como quem reza,	C
Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!	D
E o Sol altivo e forte, ao fim de um dia,	E
Tem lágrimas de sangue na agonia!	E
E as Pedras... essas ... pisa-as toda a gente! ...	D

Constituído o soneto, segue o uso de rimas no 1º quarteto ABBA (interpolada), no 2º quarteto BABA (alternada), no primeiro terceto CCD, e no último EED, como mostra acima.



Em relação à semântica, encontramos logo no título “Desejos vãos”, o que seria a impossibilidade de realização de algo, ou ainda de (ela) tratar de algo ilusório, o desejo de ser e ter capacidades além das que lhes são permitidas como pessoa. No fim de alguns versos, percebe-se que esses anseios ultrapassam o que é humano:

queria ser o **Mar**
 queria ser a **Pedra**
 queria ser a **árvore**
 queria ser o **Sol**, a **luz** imensa

Ou seja, o eu-poético anseia por ser elementos fortes, poderosos, grandiosos – mar, pedra, árvore, sol, luz... E a cada um desses elementos, que o eu-poético almejava ser, ele atribui uma característica, por exemplo: a pedra – que não pensa, ou seja, ela queria ser não o objeto pedra, mas alguém que não pensa, que não sente, que não se magoa, uma pessoa insensível que não se incomoda com nada, nem ninguém.

Contudo, nos dois últimos tercetos, o próprio eu-poético admite que mesmo o mar, a árvore, o sol, de alguma maneira, em algum momento sofrem, pois “o Mar também chora de tristeza ...”; as árvores se rendem quando “também, como quem reza, / Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!”. E quanto ao Sol, até mesmo ele, ao fim de um dia, “tem lágrimas de sangue na agonia!”. As pedras, por sua vez, “estas... pisam-as toda a gente!”. Consequentemente, por isso, tornam-se desejos vãos, o seu desejo de ser aqueles que ela considera fortes, grandiosos, pois até mesmo eles são vulneráveis.

Para expressar essa vulnerabilidade – tanto a do eu-poético quanto a dos elementos que ele deseja ser – a presença da prosopopeia, que atribuiu características humanas a tais elementos, contribui sobremaneira para, por um lado, reforçar os aspectos que ele admira no mar (altivo porte), na pedra (insensibilidade); árvore (que ignora o mundo exterior), por exemplo. Por outro lado, para comprovar a fragilidade que se esconde por detrás da altivez do mar, da insensibilidade da pedra, assim como da rudeza das árvores.

Eu queria ser o **Mar** de altivo porte
 Que **ri** e **canta**, a vastidão imensa!
 Eu queria ser a **Pedra** que não pensa,
 (...)
 Eu queria ser a **árvore** tosca e densa
 Que **ri** do mundo(...)

Podemos dizer diante disto, que estes versos estão carregados de angústia. É uma procura exacerbada, em alcançar outra forma que não a dela mesma, no intuito de salto para o que é verdadeiramente estimado, não pela fortuna material, mas pelo que é admirado pela sua simplicidade e ao mesmo tempo grandeza diante de toda a natureza. A grandeza está relacionada ao ápice que cada

um desses itens apresenta por si só e em conjunto se fosse assim possível. Do alcance sem limites, força, rudeza, singeleza, a vivacidade e vigor de ser luz.

Pode-se, de maneira geral, extrair desses versos o lamento angustiante de um eu-poético que deseja ser algo que, na verdade, não existe, de fato. Algo impossível de ser, existir, pois de um jeito ou de outro, por mais forte que se possa ser, a mágoa, a dor, é inevitável aos olhos do eu-poético presente neste soneto.

3 Considerações Finais

Embora a beleza e a força da poesia de Florbela Espanca tenham sido reconhecidas tardeamente, tal reconhecimento era inevitável, pois é, incontestavelmente, de uma grandeza ímpar tanto o poema aqui analisado como os demais textos dessa autora.

Quanto ao poema aqui analisado, conclui-se que o soneto prima por uma estrutura que não obedece uma regra rígida quanto às rimas. Isso, entretanto, não diminui a beleza do mesmo que, semanticamente, traduz, através de uma linguagem não rebuscada, o conturbado sentimento de angústia de um eu-poético cujos desejos de ser como o mar, a pedra, a árvore, revelam-se ao final ser desejos vãos, dada a vulnerabilidade presente em tudo na vida.

Força, angústia... , portanto, elementos que, neste poema, remetem ao que Florbela traz para seus textos: a mais forte expressão de uma “literatura viva”.

Referência

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura de Língua Portuguesa: marcos e marcas** Portugal – São Paulo: Arte & Ciência, 364p, 2007.

ADERALDO, Noemi Elisa. **Acerca da 'presença'**. Revista de Letras, Fortaleza, v. 13, n. 1/2, p. 187-192, jan./dez. 1988.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. Amadora, Portugal: Bertrand, 1978. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000093.pdf>> Acesso em 05 de dezembro de 2017.

KOCH, Ingredore Grunfeld Villaça. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia (Org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 263-276.

MEGALE, Heitor. **Elementos de teoria literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

NASCIMENTO, Jhully Cristina Veiga do “Desejos vãos” de Florbela Espanca: análise semântica e estrutural. In: **ANAIIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: 2358-1131

RÉGIO, José. Florbela. In: RÉGIO, José. **Ensaios de interpretação crítica** (camões, camilo, Florbela, sá-carneiro) –col. Obras completas. Porto: Brasília Editora, 1980. p. 168-195.

SOARES, Marly Catarina. **O místico e o erótico na poesia de Florbela Espanca**. Florianópolis: UFSC, 2008. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

WHEELER, Douglas. “A Primeira República e a história”. In: **Análise Social**, Lisboa, v. XIV, n.56, p.865-872, 1978.

IV colóquio de Letras